



## **Choay e o destino da cidade: clássicos para um combate**

***Choay and the fate of the city: Classics for a fight***

***Choay y el destino de la ciudad: Clásicos para una pelea***

MAGALHÃES, Mário Luis Carneiro Pinto de<sup>1</sup>

BRANDÃO, Luiz Sergio Macedo Mota<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Santa Úrsula, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
mario.mag1978@gmail.com  
ORCID: 0000-0003-1202-5769

<sup>2</sup> Universidade Santa Úrsula, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
l.sm.m@hotmail.com  
ORCID: 0009-0003-1478-3413

Recebido em 18/04/2023 Aceito em 04/07/2023



## Resumo

Este trabalho aborda a obra de Françoise Choay (1925-), com foco em sua Antologia, “O Urbanismo, utopias e realidades” de 1965. Apropriada frequentemente de modo manualístico, buscamos evidenciar seu processo de montagem e seleção de “clássicos”. Colocamos em evidência o caráter programático e de manifesto da obra contra os modelos, mas sobretudo seu engajamento em defesa de um fundamento antropológico do construir. Neste intuito fazemos a análise de dois agrupamentos, “pré-urbanismo sem modelo” e “filosofia da cidade”, as apreciações gerais que faz deles Choay e sobre alguns de seus correspondentes autores e os respectivos fragmentos selecionados.

**Palavras-Chave:** Urbanismo; Historiografia; Biografia

## Abstract

This work addresses Françoise Choay (1925-) work, focusing on her 1965 Anthology, “Urbanism, utopias and realities”. Frequently appropriated in a manualistic way, we seek to highlight her process of assembly and selection of “classics”. We highlight the programmatic and manifest character of the work against the models, but above all its engagement in defense of an anthropological foundation of building. To this end, we analyze two groups, “pre-urbanism without a model” and “philosophy of the city”, the general assessments that Choay makes of them and some of their corresponding authors and the respective selected fragments.

**Key-Words:** *Urbanism; Historiography; Biography*

## Resumen

Este trabajo aborda la obra de Françoise Choay (1925-), centrándose en su Antología, “Urbanismo, utopías y realidades” de 1965. Frecuentemente apropiada de forma manualista, buscamos resaltar su proceso de ensamblaje y selección de “clásicos”. Destacamos el carácter programático y manifiesto de la obra frente a los modelos, pero sobre todo su compromiso en defensa de un fundamento antropológico de la edificación. Para ello, analizamos dos grupos, “preurbanismo sin modelo” y “filosofía de la ciudad”, las valoraciones generales que de ellos hace Choay y algunos de sus autores correspondientes y los respectivos fragmentos seleccionados.

**Palabras clave:** *Urbanismo; Historiografía; Biografía*



## 1. O abismo e o juízo

A partir do momento em que o visitante europeu pisa no planalto laterítico [ilegível] a semideserto, onde o maior canteiro de obras do mundo fervilha noite e dia entre grandes nuvens de poeira vermelha, ele deve abandonar toda ideia preconcebida, renunciar a formar uma opinião positiva, mergulhar numa lógica do contraditório, aceitar descobrir em meio a um sonho o melhor e o pior. Ao chegar, o estrangeiro sente que o solo racional de seus hábitos se esvai sob si. Nesta paisagem desolada e grandiosa, habitada até então por colônias de cupins, tamanduás e um bando de pássaros, surgem dos palácios cobertos de mármore branco, tão irreais que parecem maquetes<sup>1</sup> [...]. (Françoise Choay, “Une capitale sort de terre” 8 de outubro de 1959. Tradução nossa).

Diante da experiência de uma alteridade radical dos europeus face ao novo mundo<sup>2</sup>, reencontramos em Choay este estrangeiro que já levou muitos nomes, de Caminha, Vespúcio e Montaigne aos mais recentes Humboldt, Le Corbusier e Lévi-Strauss. A convulsiva natureza desta América, que no mais das vezes dizia respeito a sua porção tropical, irá produzir nestes espíritos modernos esta queda vertiginosa na qual “o solo racional de seus hábitos se esvai sob si” de Choay que ecoa o “tudo que é sólido desmancha no ar” de Marx. (Cf. BERMAN, 1986) Esta atitude, *mis en abyme* de si e do mundo, se abre a um estado de suspensão, de “abandonar toda ideia preconcebida”, um mergulho no abismo que desestabiliza as imagens, não mais positivas, mas sonhos, e permite recolocar todo juízo – esta a verdadeira *tábula rasa* – a qual se referia também Le Corbusier.

É preciso saber estar em estado de julgamento, sempre. [...] Saber estar em condições de julgar, sempre; apreciar; julgar por si mesmo; compreender as relações; criar uma sensação individual; tender ao inteiro desprendimento de sua pessoa, impor um constante recuo ao seu ‘eu’ material – é conquistar sobre a vida resultantes meditadas. Melhor que sofrer as limitações de uma época falida é oferecer em sacrifício perpétuo sua pessoa, lançar-se na aventura, jogar sua partida, sensibilizar-se diante de tudo, o coração sempre aberto ao outro. (LE CORBUSIER, *Prólogo Americano*, 1929, apud SANTOS, MAGALHÃES 2011, p.15-16).

Sensibilizada, aberta ao outro. Assim nos prepara Choay para as contradições que encontrara em Brasília. Ela viaja ao Brasil no contexto do Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, que ocorreu entre 17 e 25 de setembro de 1959, acerca da Síntese das Artes, nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, e na embrionária Brasília. Sua promessa fáustica de “palácios revestidos de mármore branco, tão irreais” guarda entre “grandes nuvens de poeira vermelha” uma memória viva. Escrevendo em 8 de outubro de 1959 para France Observateur, Choay atentará para corpos, gestos e interações:

---

<sup>1</sup> “A partir du moment où le visiteur européen a posé le pied sur le plateau de latérite [ilegível], à demi-désertique, où le plus vaste chantier du monde fourmille nuit et jour parmi de grands nuages de poussière rouge, il doit abandonner toute idée préconçue, renoncer a se faire une opinion positive, plonger dans une logique du contradictoire, accepter de découvrir en plein rêve le meilleur et le pire. Dès l’arrivée, l’étranger sent le sol rationnel de ses habitudes se dérober sous lui. Dans le paysage désolé et grandiose, habité jusqu’alors par les colonies de termites, les tamanoirs et un peuple d’oiseaux, surgissent des palais revêtus de marbre blanc, si irréels qu’ils semblent des maquettes”.

<sup>2</sup> A respeito da noção de experiência americana, esta foi longamente trabalhada por PEREIRA, Cf. 1988, 1992, 2000, 2004.



[...] Os quarenta e cinco mil trabalhadores que constroem a cidade tiveram de encontrar alojamento. Acompanhados pelo número cada vez maior de aventureiros que aqui vêm tentar a sorte, fundaram espontaneamente, perto da cidade oficial, uma vasta favela de tábuas e sucatas que intitularam de Far West. Essa “cidade livre” parece realmente ter saído de um faroeste. Ali todos os tráficos<sup>3</sup> têm livre curso e uma intensa animação reina entre os barracos. Porém, fato estranho, de repente nos sentimos felizes e libertos, em meio à desordem e desconforto desta cidade improvisada de 70.000 habitantes. A presença e calor humanos são ali reais. Centros de atividade, boutiques, cafés, bancas ou restaurantes estão tão próximos que o carro se torna inútil ou inconveniente. Minha visão não é de forma alguma passadista, não sou amante do pitoresco. Limito-me a constatar o valor insubstituível da escala humana, numa época em que foi suplantada pela escala das velocidades mecânicas. Não gostaria de erigir a promiscuidade como um absoluto, mas o acotovelamento que reina tanto no Far West de Brasília, como nas favelas do Rio (tão mais humanas que as principais avenidas de Copacabana), parece-me uma das condições de base a realizar na cidade de amanhã. Mas sob qual forma? Talvez o conceito de cidade antiga<sup>4</sup> esteja agora obsoleto? Talvez a imagem da antiga comunidade urbana deva ser relegada pela humanidade ao nível de um souvenir nostálgico? Criada num entusiasmo precipitado, misturando sonho e planificação, Brasília nos oferece hoje a melhor oportunidade para meditar sobre o destino da cidade.<sup>5</sup> (CHOAY, [1959] apud PEIXOTO, 2018, p.107, 113-114, tradução nossa).

O destino da cidade! Nada menos estava em disputa. “A quem pertence o mundo?”, pergunta colocada por um filme alemão e recuperada por Anatole Kopp em “Quando o moderno não era um estilo, mas sim uma causa” ([1988] 1990, p.22) atravessa também as impressões de Choay face às contradições do mundo do amanhã, uma visão aberta, que recusa a fixidez de um passadismo pitoresco, mas na qual parecem colidir, sem solução de compromisso ou resposta, as “velocidades

<sup>3</sup> NT: trafic é mais frequentemente traduzido como trânsito, contudo aqui parece se referir a todas as sortes de movimento e interação.

<sup>4</sup> NT: cité, no francês, não é traduzível por cidade num sentido mais genérico, para o que se utiliza ville. Mais precisamente, cité é usado para se referir aos antigos centros de poder, quiçá centro da cidade ou centro histórico, ligados a experiência da ocupação romana. Considerando os debates instigados no ano de 1951 no CIAM VIII sobre The heart of the city que colocam em questão a reconstrução dos antigos centros históricos ou construção de novas centralidades da vida urbana, optamos pela expressão de cidade antiga.

<sup>5</sup> Le quarante-cinq mille travailleurs qui bâtissent la ville ont dû se loger. Suivis par les aventuriers en nombre sans cesse croissant qui viennent ici tenter fortune, ils ont spontanément fondé, à proximité de la cité officielle, un vaste bidonville de planches et de ferraille qu'on intitule là-bas le Far West. Cette « ville libre » semble effectivement sortir d'un western. Tous les trafics s'y donnent libre cours et une animation intense règne parmi les barraquements. Or, fait étrange, on se sent subitement heureux et libéré, parmi le désordre et l'inconfort de cette cité improvisée de 70.000 habitants. La présence et la chaleur humaines y sont réelles. Les centres d'activité, boutiques, cafés, échoppes ou restaurants sont si rapprochés que l'auto devient inutile ou gênant. Ma vision n'est nullement passéiste, je ne suis pas amateur de pittoresque. Je constate simplement la valeur irremplaçable de l'échelle humaine, dans un moment où elle a été supplantée par l'échelle des vitesses mécaniques. Je ne voudrais pas ériger la promiscuité en absolu, mais le coude-à-coude qui règne dans le Far West de Brasília, comme dans les favellas de Rio (tellement plus humaines que les grandes avenues de Copacabana), me semble une des conditions de base à réaliser dans la cité de demain. Mais sous quelle forme? Peut-être le concept de cité est-il désormais périmé? Peut-être l'image de l'antique communauté urbaine doit-elle être reléguée par l'humanité au rang des souvenirs nostalgiques? Elevée dans l'enthousiasme et la précipitation, mêlant le rêve à la planification, Brasília nous offre aujourd'hui la plus belle occasion de méditer sur le destin de la Ville.



mecânicas” e a “presença e calor humanos”. Conforme Thierry Paquot nota já acerca da Antologia de 1965, “sua publicação não quer, entretanto, ser entendida como um manual a ser lido paralelamente aos estudos universitários; ao contrário, Choay enfatiza repetidamente seu caráter programático e de manifesto”<sup>6</sup> (PAQUOT, 2019, p.279, tradução nossa). Separadas por 44 anos, a publicação de “Patrimônio em questão” explicita aquilo que em 1965 estava implícito, trata-se de uma “Antologia para um combate”. Todo escrito de Choay visa um projeto, uma disputa, um combate!

## 2. Clássicos para um combate

Não se projeta nunca *para* mas sempre *contra* alguém ou alguma coisa: [...] sobretudo, projeta-se contra a resignação ao imprevisível, ao acaso, à desordem, aos golpes cegos dos acontecimentos, ao destino [...] É portanto impossível considerar a metodologia e a técnica do projetista como zonas de imunidade ideológica. A sua metodologia e a sua técnica são rigorosas porque ideologicamente intencionadas. A ideologia não é abstrata imagem de um futuro-catar-se, é a imagem do mundo que tentamos construir lutando: planejando não se planeja a vitória, mas o comportamento que nos propomos manter na luta. (ARGAN, 2000, p.53).

Projetar *contra* a resignação, disputar o destino, combater com comportamentos – nos manter na luta! Mas além dessas negações, o que se quer afirmar? Por quem e com quem luta Choay, qual desejo contraria o destino, que comportamentos quer promover? A dimensão projetiva dos seus escritos foi, para muitos, silenciada pela sua superfície e estrutura. Assim, gerações leram a autora lhes parecendo transparentes suas intenções a partir das categorias tão frequentemente repetidas: culturalistas, progressistas, naturalistas – que são exatamente *contra* as quais Choay se move. Portanto, parece que muitas destas perguntas ainda merecem melhor esclarecimento. E por que, afinal, escrever uma antologia?

A obra de Françoise Choay pareceu, por várias décadas, dispensada de introduções. Sua Antologia de 1965 foi uma das primeiras neste gênero para o campo, sua “publicação imediatamente após seu surgimento foi recebida como um manual para a parca formação teórica de arquitetos e urbanistas”<sup>7</sup> (PAQUOT, 2019, p.278, tradução nossa;<sup>8</sup>) na França e depois em diversos lugares do mundo, inclusive no Brasil. A obra de Choay, participa assim de um movimento editorial mais geral:

Como salientamos, as Antologias de textos em Arquitetura e Urbanismo começaram a surgir no mercado editorial em meados dos anos 60 principalmente na França, Itália e Alemanha, não por acaso, após uma época de reconstrução de cidades nesses países e de questionamento quanto ao movimento moderno, ou seja, em um período de crise de modelos, que forçou revisões teórico-conceituais e historiográficas e uma reformulação do campo disciplinar e prático na Europa. (PEREIRA, 2017, p.9).

Os esforços, desde 2001, para a construção de uma “Antologia do Pensamento Urbanístico”, no âmbito das pesquisas do Laboratório de Estudos Urbanos, coordenado por Margareth da Silva Pereira, colocaram o próprio gênero literário em perspectiva:

---

<sup>6</sup> “die Veröffentlichung schon unmittelbar nach ihrem Erscheinen als Handbuch für die allgemein knapp gehaltene theoretische Ausbildung von Architekten und Städtebauern rezipiert wurde”.

<sup>7</sup> “Ihre Publikation will aber dennoch nicht als Handbuch, das parallel zum Universitätsstudium gelesen wird, verstanden werden, vielmehr unterstreicht Choay mehrfach ihren programmatischen, manifestartigen Charakter.”

<sup>8</sup> Ver também PEIXOTO, 2018, p.38, 39.



O gênero antologia passou, assim, a desempenhar um papel central no insumo da crítica e o da renovação intelectual, criando um solo de leituras e discussões comuns, ou em outras palavras de um “campo disciplinar” mais ou menos balizado em termos teóricos e temáticos. (PEREIRA, 2013, p.1).

Face a um mercado mais variado de obras e aos desenvolvimentos posteriores da disciplina, a leitura da Antologia de Choay já não deve ser presumida. Mesmo no relativamente diminuto mercado editorial em português, as antologias organizadas por Kate Nesbit (2006), cobrindo o período de 1965 a 1995 e Sykes (2015), cobrindo de 1993 a 2009, portanto, em continuidade ao recorte temporal da antologia de Choay, parecem lhe haver substituído na ainda hoje, parca formação teórica de arquitetos e urbanistas. Seriam ainda notáveis as edições em português da antologia da própria Choay sobre patrimônio em Portugal em 2011, ou as editadas no Brasil, como a de Donatella Calabi em 2012 e, editada por Pereira, a de Jean Pierre Gaudin em 2014. Como Pereira aponta, o deslocamento do eixo editorial traz consigo consequências acerca da representação do campo disciplinar:

Nos anos 1970, 1980 e 1990, diversas antologias surgiram se concentrando de forma mais nítida em publicações em língua inglesa, contudo é também notável como recentemente estas se multiplicam nos EUA. Esse movimento do mercado editorial internacional pode também ser associado a uma tentativa de divulgar em uma escala mundial um “modelo” norte-americano de cidade contemporânea, que pode ser percebida na predominância, agora, de textos norte-americanos nas Antologias mais recentes. (Op. Cit., 2017, p.9).

Estas questões se mostram ainda mais graves da perspectiva do Brasil. Se Calvino nos pergunta “Por que ler os clássicos?”, Pereira coloca em evidência o processo de seleção e instauração dos ‘clássicos’ que as antologias operam.

Entretanto, aos autores “clássicos” indexados nas primeiras antologias internacionais, as sucessivas pesquisas vieram somar um novo volume de autores esquecidos e ignorados em diferentes países, alertando no caso do Brasil para a grande falta de sistematização no que diz respeito aos reformadores sociais e urbanos brasileiros. Estes não só não constam nas antologias internacionais como sequer são estudados nas escolas de arquitetura e urbanismo brasileiras. (Op. Cit., 2013, p.1).

De forma que, por trás da aparente simplicidade e instrumentalidade que as antologias se prestam em sua conveniência paradidática e propedêutica, o gênero nos coloca uma série de questões epistemológicas. O espelho daquela pergunta de Calvino seria: “Como selecionar os clássicos?”. Mas ainda esta sentença simples oculta sob si todas as dimensões explícitas ou implícitas do mundo do escritor, do conjunto de marcas, contatos, lugares que o formam e informam. (CHARTIER, 1991).

Para além dos esforços de Pereira, que fora aluna de Choay no curso de Urbanismo na Universidade de Paris VIII - Vincennes, nos anos 1978–1980, uma série de pesquisadores, mais ou menos próximos do convívio de Choay, têm se perguntado sobre o percurso intelectual da já quase centenária autora e buscado sistematizar impressões. Alguns indiretamente, como François Dosse, outros diretamente, como Thierry Paquot e Viviane Claude. No Brasil, destacamos também os esforços de Elane Peixoto e, sobretudo, Priscilla Alves Peixoto, ex-orientanda de Pereira.

Isto porque, no contexto de seu trabalho de tese (2017, 2018) e em sua sequência imediata (2021), a autora se esforçou em iluminar os espaços de sociabilidade e os atores que atravessaram a vida de Choay e que dessem a ver sua biografia como história cruzada. Sobre tudo no artigo mais recente,



salta à vista a dimensão conjuntural e sincrônica que enlaça o mundo da autora aos seus enunciados. Claramente, parece haver lacunas a serem perseguidas no que diz respeito às relações diacrônicas e atravessadas de temporalidades que informam sua escrita. Apesar do processo de sua formação não ser mais finamente compreendido e sua biblioteca e suas leituras continuarem por estudar, podemos ainda assim nos aproximar indiciariamente pelas pistas que o próprio processo de seleção e montagem da Antologia nos oferece como vista sobre o mundo da Choay de 1965.

Não passou despercebido aos estudos que, para além daquilo a que Choay se opõe, ela busca aliados em outras frentes de combate.

Mesmo que ele [o urbanismo de origem modelar] parecesse hegemônico nesta função [de construir o espaço], ao demonstrar que existiu um **“pré-urbanismo sem modelo”** ou que existia em seu tempo uma **“antrópolis”**, ela dava indicações desses outros caminhos. (PEIXOTO, 2018, p.39, grifo nosso).

Acrescentemos a esses ainda a **‘filosofia da cidade’**. O caminho da Antrópolis se mostrou frutífero, vários de seus autores são amplamente circulados e reapropriados por arquitetos e urbanistas, e foram desde então objetos de vasta fortuna crítica. Jane Jacobs, em especial, a única figura feminina da Antologia, movimentou gerações de autores, e é referência obrigatória de um urbanismo feminista. O mesmo talvez não se possa dizer sobre a maioria das figuras do “urbanismo sem modelo” e da “filosofia da cidade”. Seria a análise destes dois agrupamentos, as apreciações gerais que Choay faz deles e sobre alguns de seus correspondentes autores, e os respectivos fragmentos selecionados para a Antologia, que privilegiaremos neste trabalho.

Tópico e atópico; histórico e a-histórico ao mesmo tempo, na narratividade da própria Choay como si, enredam-se tanto continuidades – *idem* – quanto descontinuidades – *ipse* (RICOEUR, 1990). Não tivemos em vista reduzir seu percurso a uma progressão linear finalista, mas reconhecer que dentre os fantasmas pelos quais Choay se afeta, elege e ressuscita em 1965, encontraremos antes e depois, por vezes sob outras figuras, um espírito tremeluzente que vai ganhando uma carne cristalina. Um espírito moderno? – “O que possuo vejo ao longe, estranho; E o que desapareceu, converte-se para mim em realidade” –, diria Goethe na dedicatória de Fausto ([1797] 2004, p.29). Quem sabe possamos dizer que na fabricação do corpo de Choay vai se insinuando desde cedo e se tornando claro, aquilo que deseja e sustenta como mundo (CAULA et al., 2020).

### 3. A pedra, o livro e o ser

“Isto matará aquilo. O livro matará o edifício” (HUGO, [1832] 1992, p.324) – frase célebre de Victor Hugo, condensa uma reflexão sobre o meio predominante de transmitir conhecimento e registrar a história. Na ficcionalização da Paris medieval, V. Hugo projeta as ansiedades da Paris industrial. Se o século XIX se esforçou na construção das narrativas de identidades nacionais, ao que talvez devamos incluir “Notre Dame de Paris”, com as transformações no quadro construído da cidade, seu elo ao passado fundador era colocado em questão. No romance, encontramos o início do fim da catedral plena de significados, comunicante da memória coletiva articulada espacialmente em história através de seus componentes construídos, desempenhando e estabelecendo uma forma de linguagem orgânica com a cidade medieval. Esta seria para seus habitantes como uma “crônica de pedra” (Ibid., p.327), a principal coordenadora dos feitos artísticos e do sentido da vida.

“Enquanto Dédalo, que é a força, media, enquanto Orfeu, que é a inteligência, cantava, a pilastra, que é uma letra, a arcada, que é uma sílaba, a pirâmide, que é uma palavra, colocadas em movimento, ao mesmo tempo [...]” (Ibid., p.325).





Contudo, com o surgimento da imprensa no século XIV, ocorreria uma inflexão cuja força transformadora só se ampliaria nos séculos subsequentes com a disseminação em massa de livros impressos, “o pensamento humano descobre um meio de perpetuar-se não só mais durável e mais resistente que a arquitetura, mas também mais simples e mais fácil.” (Ibid., p.326) que poderia levar à obsolescência de outros meios de expressão, em especial a expressão construída. Esta suposta decadência da arte de construir, faz do Renascimento uma aurora em termos de uma nova competência, pois “Penetra ainda por algum tempo com seus últimos raios todo esse amontoado híbrido de arcadas latinas e colunatas coríntias. É este pôr do sol que tomamos por aurora” (Ibid., p.326). Portanto, este pôr do sol permite iluminar e esclarecer a linguagem cifrada na pedra de maneira poética. Talvez possamos dizer, que este momento histórico dota as formas edificadas da então nascente arquitetura moderna de uma consciência metalinguística.

Se a imprensa leva ao canto do cisne das artes de construir, as transformações advindas da revolução industrial no quadro edificado e no modo de produzir da sociedade do século XIX sinalizariam os estertores da cidade como forma significativa. Choay indica como a suposição de Hugo do declínio da “grande arte original” (Ibid., p.324), que é a cidade enquanto artefato, parece ter tocado um arquiteto do século XX, cético com relação ao mundo citadino como Frank Lloyd Wright, que em “Testamentos” dirá que:

“Victor Hugo escreveu o ensaio mais esclarecedor, nos dias de hoje, sobre arquitetura. [...] Aquela história do declínio trágico da grande arte original nunca saiu da minha mente.” (WRIGHT apud CHOAY, [1957] 1992, pág.324).

Esta aproximação apontada por Choay nos leva a pensar uma nova vertente de interpretação para a relação entre a pedra e a palavra, onde a prolixa prosa citadina cede lugar para uma linguagem mais atenta ao menor gesto construtivo, como ainda reverbera no ‘naturalismo’ wrightiano.

Mas não deveríamos pensar que esta contração da capacidade das pedras de sustentarem sentidos e mesmo de serem lidas por seus contemporâneos seria para Victor Hugo apenas um “pôr do sol”, “declínio” e “decadência”. O poeta está convicto do seu ofício, “as letras de pedra de Orfeu sucederam-se às letras de chumbo de Gutemberg” (Op. Cit., p.326). De modo que “[...] uma arte ia destonar outra arte [...]” (Ibid. p.324), as cargas semânticas encontrariam outros suportes, outros artistas para expressá-las, agora livres do cárcere da pedra.

Não seria apenas Wright a se sensibilizar com a perspicácia de V. Hugo. É evidente o impacto dos fragmentos que também Choay leu, selecionou e articulou de Victor Hugo. Em seu texto autoral, “O Urbanismo em questão”, que abre sua antologia de 1965, após analisar as modalidades a partir das quais se objetivam as imagens que atravessam o discurso urbanístico, Choay evoca V. Hugo para lembrar que ele não “hesitou em comparar a arquitetura a um escrito e a cidade a um livro” (CHOAY [1965] 1992, p.52).

Apoiando-se nas contemporâneas pesquisas da linguística de autores como A. J. Greimas, R. Jakobson, A. Martinet e Roland Barthes (Cf. notas 137,138. CHOAY[1965] 1992, p.52,53), Choay sustentará que os sentidos aceitos da vida social se organizam como linguagem, que a cidade é “um quadro de relações interconscienciais, o lugar de uma atividade que consome sistemas de signos [...] complexos” (Ibid., p.52) de forma que as transformações na sociedade e nos modos de produção teriam sido disruptivos das correlações de sentido da cidade pré-industrial. Conclui-se, no ponto 5º, que a pretensão cientificista do campo disciplinar teria sido incapaz de substituir a antiga língua, devido ao esvaziamento de sentido de seus enunciados. Esta perda seria advinda desses “microgrupos de decisão que caracterizam a sociedade da diretividade [...] técnicos da construção, engenheiros e arquitetos” (Ibid., p.53) que empregam um discurso “logotécnico” que lhes é próprio. Apartado das culturas de modos de vida, isto seria análogo ao deslocamento linguístico que Victor Hugo aponta e, tal qual, impunha um desafio ao urbanismo de então e seu devir.





Bernard Lepetit abordaria anos depois, em 1993, em 'É possível uma hermenêutica urbana', os esquemas temporais que os estudos urbanos haviam adotado até então, avaliando que Choay cometeria o deslize, comum em abordagens semiológicas de então, de privilegiar as condições de enunciação na construção do sentido. A simples ausência de sentido de antigas formas ou sua transferência para outros suportes, presentes em Victor Hugo, ecoam na apropriação de Choay.

Em V. Hugo vemos que se pressupõe que o processo de dotação de sentido está na enunciação. Seriam os artistas e as artes que configurariam seus enunciados em novos suportes ao que a recepção seguiria perfeitamente ofuscada. À própria competência de leitura não é jamais concedido nenhum grau de autonomia. Ao haver aqueles que enunciassem sob novas formas ou suportes, co-emergiria um saber-ler. Ou seja, os sentidos dos enunciados seriam inerentes às formas de enunciá-los. Esta concepção assemelha-se àquela evocação da imagem de um "Bernardo-eremita" na qual "a sociedade citadina move-se num construído que não é o seu", imagem esta que faz supor um descompasso temporal entre a dinâmica veloz da sociedade em relação à duração e inércia de seu quadro material e que a "sociedade e seu território sejam colocados em posição de exterioridade". (LEPETIT [1993] 2001, p.140).

Já em Choay, o descompasso e o desconforto são entre uma 'língua comum' e uma 'língua técnica'. Nos rearranjos do mundo industrial e pós-citadino, já não seria mais possível ou desejável a unidade de sentido que o Antigo Regime e os modos de produção pré-industriais impunham, as quais a reação dos 'culturalistas' gostaria de recuperar. Tão pouco o cientificismo e tecnicismo de "progressistas", em seu furor, pareciam aptos a contemplar e dar alguma unidade, hoje talvez disséssemos "construir um comum", à diversidade de gentes de uma sociedade aberta e laica, com seus desejos, crenças e angústias. Mas aqui também Choay se ressentia de um descompasso que só é possível ao se considerar que os artefatos são portadores de mensagens que lhes são inerentes, o que equivaleria à negação das maneiras pelas quais os cidadãos se apropriam da cidade. Lepetit considera que Choay "mostra a história de uma degradação e faz do passado uma 'pele de onagro' que encolhe com a modernidade". (Ibid., p.144).

Ora, o fracasso de muitas das respostas dos urbanistas de então, não falam de uma ausência de sentido, mas exatamente da interpretação diversa que os habitantes lhes deram. Mas Lepetit concede que a própria Choay anuncie a abertura para uma investigação de um processo de ressemantização a partir dos modos de habitar, ao passo que em V. Hugo sobressai apenas um deslocamento dos suportes. Inquisitiva, a autora se abria a possibilidade, a ser confirmada, de que as inusitadas proposições urbanísticas dos especialistas tivessem seu sentido atualizado no presente vivificado.

Se Lepetit diria que é nos "[...] atores sociais nos quais se apoia toda a carga temporal", talvez seja sob a perspectiva desta cidade "inteiramente presentificada" (Ibid., p.145) e o centramento na condição encarnada e cósmica do ser que devemos compreender a inclusão de Heidegger na Antologia. Esta inflexão para o habitante e o seu modo de se apropriar do mundo que Choay intui, espreita também na reflexão heideggeriana, quando para o filósofo o modo como construímos e habitamos é antes de tudo o modo de estarmos no mundo. Impõe lembrar que Choay foi aluna dos cursos de G. Bachelard na Sorbonne e o considerava como um de seus dois mestres (o outro seria Jean Hyppolite, Cf. PAQUOT, 2019, p.276). Daí não nos estranhar que na seleção que faz de Heidegger importará a Choay "sua dimensão primordialmente 'poética' de abertura para o ser" (Op. Cit., p.346), no entendimento do habitar se estabelecendo como condição do ex-istir do campo relacional de nós com tudo que nos cerca. Mais do que suas considerações um tanto essencialistas dos termos, privilegia uma refutação da redução do espaço a sua objetivação como geometria abstrata. Sua abordagem fenomenológica reconduz à condição humana na terra: aquilo que o filósofo didaticamente divide em três – construir, habitar, pensar – é um todo, um espaço existencial: "O espaço nem é um objeto exterior, nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles,



espaço”<sup>9</sup> (HEIDEGGER, p.7), sendo estas relações a base da cognição, a condição acerca de uma realidade fenomênica. Disto decorre a imbricação de todo construir com o habitar e o pensar. Espaço (re-)designado por quadros materiais – construído –, espaço (re-)designado pelas práticas sociais – habitado –, espaço (re-)designado/imaginado em seus significados culturais – pensado –. Conquanto Heidegger suponha uma universalidade desta condição humana e a ancore na cultura alemã (Choay o inscreve, neste sentido, dentre os culturalistas, Cf., Op. Cit., p.346) sem maior atenção a incrível multiplicidade dos modos de existir. De toda forma, sua abertura e recondução a uma relação situada nas existências se aproxima do interesse antropológico que Choay demonstrara, atônita, frente a ‘cidade livre’.

#### 4. O desejo de construir

“[...] regulamentar, procurar prever tudo e organizar tudo seria simplesmente criminoso.” (Kropotkin, *Les temps nouveaux* [1894] apud CHOAY, [1965] 1992, p.16-17).

Assim, o anarquista russo do século XIX sentencia toda uma vertente da modernidade. Aquela que privilegia a relação instrumental do saber para o controle exercido por um poder verticalizado, em detrimento da abertura implícita na horizontalidade – o desafio kantiano de socializar as “luzes” –. Afinal, “Prever tudo e organizar tudo” foi a marca dos autoritários desde “A República” de Platão. Estas relações são para Choay evidentes, e ela o indica em uma de suas notórias notas:

O pensamento de Kropotkin desenvolve-se, portanto, contra a ideia de opressão, que caracteriza, pelo contrário, os modelos progressistas, onde é solidária ao objetivo do rendimento. Em um e outro caso, o projeto urbano não pode ser destacado de uma posição ética. Quanto a Kropotkin, cf. *A moral anarquista* (Paris, Les temps nouveaux, 1889), p 7: ‘Procurar o prazer, evitar a dor, é o fato geral, é a própria essência da vida. Sem essa busca do agradável à vida seria impossível. O organismo desagregar-se-ia, a vida cessaria’. E, p. 9 ‘É sempre essa maldita ideia de punição e de castigo que se põe diante da razão, é sempre essa herança absurda do ensino religioso.’ (CHOAY p.152).

Contra o dogma, contra a punição e o castigo, o “Pré-urbanismo sem modelo” de Choay reivindica reiteradamente este “futuro aberto”, um “futuro indeterminado”, uma posição “radical em seu desejo de indeterminação” (CHOAY [1965] 1992, p.15-16) que busca o agradável, o prazer.

Os autores convocados, sobretudo Marx e Kropotkin, permitem uma compreensão mais complexa da cidade “sem recorrer ao mito da desordem” – a cidade não é dissociável da ordem da sociedade que a engendra –, não irão tampouco “propor sua contrapartida, o modelo da cidade futura” (Ibid., p.15). Segundo Choay, Engels “repele o método geral dos modelos, não por razões de facilidade, mas por desconfiança a respeito das construções *a priori* e porque se recusa a separar a questão do alojamento de seu contexto econômico e político” (Ibid. p.139). Portanto, as respostas formalizantes que oferecem se restringem, via de regra, a um caráter pragmático e emergencial.

Para além destes encaminhamentos mais diretos, com Marx e Kropotkin, Choay pode compreender a cidade nesta sua tensão e dialética, um duplo papel, “opressor” e do “prazer” em Kropotkin, “alienante” e “libertador” em Marx (Ibid. p.147). Afinal, historicamente *o ar da cidade liberta*, famoso adágio alemão, se referiu a possibilidade de maior autonomia em relação às determinações da natureza e relações sociais fechadas. Por outro, ali também se explicitaram as assimetrias, conflitos e injustiças inerentes às formas de organização da vida social, econômica e cultural. Partindo destas

---

<sup>9</sup> Este fragmento do mesmo texto referido por Choay, não consta, entretanto, dentre os selecionados para a Antologia.



injustiças, Choay se interessa pela maneira como Marx “traça em negativo o estatuto 'ontológico da cidade’” (Ibid. p.147). Em manuscritos ele recupera a imagem de uma queda, da perda de uma competência radicalmente humana. “A ‘casa de luz’ que, em Ésquilo, Prometeu designa como um dos maiores presentes que lhe possibilitaram transformar o selvagem em homem, deixa de ser um presente para o operário.” (MARX, [1848] 1992, p.148). Essa alienação do proletariado na cidade industrial é resultado da redução da habitação a mercadoria, desenraizando o morar, destituindo de prazer seu habitar. Marx contrapõe a ‘casa de luz’, o ‘covil’:

Mas o covil onde o pobre se aloja é alguma coisa de hostil é um ‘domicílio que contém em si uma potência estranha, que só se dá a ele na medida em que ele lhe dá seu suor’, que ele não pode considerar como sua própria casa, - onde poderia finalmente dizer: aqui estou em casa, - onde sente mais estar na casa de um outro, na casa de um estranho que todo dia o espreita e o expulsa se não paga o aluguel. (Ibid., p.148).

É a própria Choay quem nota, acerca dessas passagens, uma possível relação, afinal “nos dois casos aparece o papel formador de um ‘habitar’ autêntico”, de forma que “podemos, com muita precaução, aproximar dessas páginas ainda impregnadas de hegelianismo, o texto de Heidegger citado adiante”. (Op. Cit., p.147). É, novamente, contra esta alienação, e a favor de um verdadeiro habitar que a cidade deve ser superada. Choay dirá que para eles “[a cidade é] a expressão de uma ordem que foi a seu tempo criadora e que deve ser destruída para ser ultrapassada [...]” (Ibid., p.15). O que para Marx e Engels seria uma certeza, contudo, é para Choay uma dúvida. No ponto final de sua conclusão ela começa por sentenciar: “Ninguém hoje sabe qual será a cidade do amanhã”, talvez seus desenvolvimentos levassem “o conceito de cidade perder todo o significado” (Ibid., p.55), ecoando suas dúvidas perante o Far West de Brasília.

Se para eles a cidade é o “lugar da história”, e os humanos são “sujeitos da história”, então “a perspectiva de uma ação transformadora substitui para eles o modelo. [...] o futuro permanece aberto” (Ibid., p.15). Podemos igualmente entender a abertura de Choay frente a “presença e calor humanos”, não está certa quanto a sua forma, uma forma modelar, mas esta comprometida com o viés formador que este habitar deve guardar.

“Não se legisla o futuro” diria Kropotkin, ainda assim nos parece que seus extratos selecionados por Choay podem nos indicar um caminho, pois “essas formas não se determinarão por si mesmas dentro da obra de reconstrução das massas, realizando-se em mil aspectos simultaneamente” (Kropotkin, [1913] 1992, p.152). Talvez seja neste sentido que devemos compreender a menção que Choay faz no âmbito do “pré-urbanismo sem modelo” à realização do “homem universal” (Op. Cit., p.15). Ele não pode ser reduzido a um indivíduo isolado ou atomizado, já que privilegia a “ação coletiva”, muito menos a um homem-tipo invariável. As ressonâncias do vocabulário destes pensadores com aquele característico ao pensamento alemão de virada do século XVIII ao XIX são evidentes. Este “universal”, que se realiza em “mil aspectos simultaneamente”, se aproxima da transgressão estética do dever do “homem antropologicamente pleno” de Schiller (SCHILLER, [1792–95] 2002), escrito sob o impacto da Revolução Francesa e o que esta abria de indeterminação no devir dos humanos e do mundo.

Kropotkin assinala essa multiplicidade e insiste sobre ela diversas vezes, seja no elogio da livre associação de “grupos por afinidades pessoais – grupos inumeráveis, infinitamente variados, de longa duração ou efêmero”, seja no ceticismo quanto às pequenas comunas, nas quais os habitantes “forçados ao contato contínuo com a pobreza de impressões que os envolve, acabariam por se detestar” (KROPOTKIN, [1913] 1992, p.152-153). Novamente encontramos com as ‘afinidades’ e a crítica a ‘pobreza de impressões’, os traços do vocabulário do 1º Romantismo alemão, presentes em Goethe ou Wilhelm von Humboldt. Naqueles mesmos anos turbulentos pós-revolução, ele vincularia o ser à humanidade entendida como enunciado:



A tarefa final de nossa existência: fornecer ao termo da humanidade, em nossa pessoa, seja durante nossa vida, quanto mesmo para além dela, um conteúdo tão vasto quanto possível pelos efeitos vívidos que deixamos [...] através da imbricação de nosso eu com o mundo em uma interação a mais abrangente, intensa e livre. (HUMBOLDT [1793], 2019, p.7, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Trata-se de pensar as existências em termos de Bildung, de co-formação. Esta relação aparece novamente quando Choay menciona a imagem da “cidade-campo [...] ela corresponde ao momento da realização do homem total” (CHOAY, p.16), portanto, transgressão poética dessa oposição, abertura a co-formação do ser e do mundo, formas de habitar “realizando-se em mil aspectos simultaneamente”, como dissera Kropotkin. Não por acaso, Choay nota, a respeito das ideias de Kropotkin acerca de uma “simbiose da indústria e do campo”, o quanto o ideal ‘usoniano’ do “naturalismo” de Frank Lloyd Wright lhe seria próximo. (CHOAY, p.151).

Esta ação poética, é também ação pedagógica. Num fragmento que Choay intitula “educação integral: homem completo” (CHOAY, p.155) Kropotkin consideraria que pela “necessidade de que toda mulher e que todo homem são, têm de consagrar uma parte de sua vida ao trabalho manual ao ar livre” isto implicaria numa “modificação radical do nosso sistema de educação atual”. Esta deveria ser substituída por uma “educação integral, a educação completa” que superaria a separação atual de “trabalhadores intelectuais e manuais”. (KROPOTKIN, p.155).

A relevância da noção de Bildung na articulação do pensamento de Choay como base da crítica ao modelo e busca por um “pressuposto antropológico” é evidenciada anos depois em “A Regra e o Modelo”, quando novamente referindo-se a Marx, Choay afirma:

A Bildung dos homens e de suas respectivas sociedades passa por aquela de seu espaço. Em outras palavras, quando mediante o trabalho o homem atua ‘sobre a natureza exterior’ e a modifica, ele modifica sua própria natureza e desenvolve as faculdades que ‘nela estavam adormecidas’ e ‘a terra [...] fornece ao trabalho o *locus standi*, sua base fundamental, é a sua atividade o campo onde ela pode se desenvolver’<sup>11</sup> [...] Mais precisamente, pela maneira como recorre a um relato de origem para fundar e reduzir a um denominador comum todas as atividades de transformação, por sua apologia da desnaturalização e pela escolha das marcas mais significativas que lhe atribui, “ateliês, canteiros, canais, estradas”..., a passagem inteira donde são tiradas essas citações poderia alinhar-se entre os “elogios da arquitetura” que constituem uma sequência quase obrigatória dos tratados. [...]

Para Marx, a cidade não tem valor enquanto modelo de urbanização – nunca encontramos nele a nostalgia de um tipo urbano qualquer – mas como símbolo de confiança a atribuir ao espaço para informar o projeto, *sempre novo* e inovador, com cujo desdobramento o homem se constrói enquanto desnaturaliza a terra. [...] É o processo de urbanização em si e por si, que Marx exalta como Alberti celebrava a edificação. Para um, como para o outro, os humanos têm a vocação de conquistar o espaço. A confiança que

<sup>10</sup> “Die letzte Aufgabe unseres Daseyns: dem Begriff der Menschheit in unsrer Person, sowohl während der Zeit unseres Lebens, als noch über dasselbe hinaus, durch die Spuren des lebendigen Wirkens, die wir zurücklassen, einen so grossen Inhalt, als möglich zu verschaffen, [...] durch die Verknüpfung unsres Ichs mit der Welt zu der allgemeinsten, regesten und freiesten Wechselwirkung”

<sup>11</sup> Le capital, Liv. I 3ª seção, Cap. VII, ed. cit., pp. 727-735.



um e outro demonstram pelo *Homo artifex* não deixa lugar à dúvida: Marx não prevê nem a escala, nem a força destruidora da urbanização anunciada por sua famosa ‘supressão’. Essa adesão irrestrita ao investimento da terra pelo construir opõe-se à desconfiança que a utopia devota a todas as formas de exteriorização. (CHOAY, [1980], 1996, p.71,72, tradução nossa)<sup>12</sup>.

A estas páginas segue imediatamente o capítulo intitulado “*De re aedificatoria*: Alberti ou o Desejo e o Tempo”, consolidando a transversalidade sinuosa que atravessa de Choay a Marx, ao primeiro Romantismo alemão e a Alberti. Se nos permitimos este anacronismo, é não só porque nos esforçamos em explicitar aquilo que é uma presença sutil, não imediatamente visível, no livro de 1965. É também porque algo importante da tese que Choay completa em 1978 e publica em 1980 sob o título de “A regra e o modelo, sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo” estava já presente na sua primeira Antologia. Conforme Paquot nos confidencia: “em 1965, ela anunciou um livro intitulado ‘**O desejo e o modelo**’, para o qual ela havia apenas começado a pesquisar”<sup>13</sup>. (2019, p.280, grifo nosso, tradução nossa).

## 5. O destino da cidade: o jogo ou a astúcia

Como lutar para que haja no devir da cidade um futuro aberto, indeterminado, infinitamente variado? Como promover a casa e não o covil, o prazer e não a opressão, o desejo e não o modelo. A quem pertence o mundo para Choay? Talvez à “presença e calor humano”, aos acotovelamentos do Far West de Brasília e das favelas do Rio de Janeiro, com “jogo” ou “astúcia”, e quem sabe, um pouco das luzes de Kant?

Quanto ao habitante, sua primeira tarefa é a lucidez. Não deve nem deixar-se seduzir pelas pretensões científicas do urbanismo atual, nem alienar suas liberdades nas realizações deste. Deve resguardar-se tanto da ilusão progressista quanto da nostalgia culturalista. (CHOAY [1965] 1992 p.55).

Nestas suas conclusões finais, Choay supõe que as novas experiências de vida coletiva só seriam comparáveis à cidade pelos usos, talvez a memória viva do prazer da interação como condição humana se afirmaria. Contrariando uma temporalidade frequentemente assumida, que privilegia a duração das pedras e, por conseguinte imagina que ao destruí-las se vão junto as memórias, Lepetit evoca Halbwachs:

“Renovem as casas, alinhem as ruas, transformem as praças: ‘As pedras e os materiais não lhes oporão resistência, mas os grupos resistirão, e neles vocês enfrentarão a resistência, senão das pedras, ao menos de suas disposições antigas.’” ([1993], 2001, p.148).

Para Choay, portanto, esta nova forma, construída:

Consciente e deliberadamente [...] corria o risco de abolir a ilusão tradicional que nos mostra as estruturas urbanas como um dado da natureza. E tomar ciência da artificialidade do sistema obrigará o habitante a manter com ele uma relação de segundo grau [...] [A cidade do futuro] só conservará seu

---

<sup>12</sup> NT: a tradução se baseou na versão em português de 2010, lhe fazendo correções pontuais, mas graves, a partir da versão francesa.

<sup>13</sup> “1965 kündigte sie ein Buch mit dem Titel *Le désir et le modèle* an, für das sie mit den Forschungsarbeiten gerade begonnen hatte”



valor semiológico com a convivência de seus habitantes, com o jogo ou astúcia destes. (CHOAY [1965] 1992, p.55).

O mundo pertence ao habitante, ao seu habitar, as infinitas dimensões de liberdade com as quais as práticas podem insuflar o espaço – espaço habitado, espaço praticado. Como as pesquisas de Dosse (2004) permitiriam ver:

Enquanto Françoise Choay se mostra ligada à ideia da perda antropológica fundamental que representa o desaparecimento das artes de fazer tradicionais, atormentada pelo processo de mundialização e globalização” a própria Choay diria de Certeau que ele *‘pensava e insistia, ao contrário, no fato que as pessoas que perderam estas artes de fazer contornam as dificuldades e encontram estratégias e práticas que lhes permitem afirmar-se e impor sua identidade’*. (apud DOSSE, 2004).

Por trás de seu aparente ceticismo, quiçá pessimismo, Choay defenderá desde 1965 o jogo ou a astúcia do habitante, a ação transformadora da Bildung, uma competência de edificar – e sustentará esse comportamento como fundamento antropológico para se manter na luta pelo destino da cidade.

## 6. Posfácio: o destino aberto de Choay

Se pensamos ter trazido elementos que sustentam a axialidade de uma atitude construtiva, aberta e reflexiva nas pesquisas de Choay, restam em aberto pontos de apoio a aprofundar no que concerne à sua formação. Perseguir os vestígios que indicam que Choay teria frequentado os cursos de Levi-Strauss, por exemplo, poderia nos reconduzir, por ainda outra via, ao impacto da experiência americana. Quão profunda e direta é esta conexão? Por outro lado, muito ainda parece em aberto quanto ao seu ‘mestre’ menos famoso, Jean Hyppolite, ao qual nos parece, de antemão, ser possível atribuir uma contribuição na recepção de Hegel e da fenomenologia, de Marx e de considerações acerca das relações entre história, filosofia e história das ideias. Sem jamais ser citado, diferentemente de Barthes, em que ainda assim o pensamento choaysiano é tributário ao ‘mestre’?

Uma outra vertente diz respeito a esta justaposição que Choay engendra entre o campo germanófono com Marx e sua italo-filia com Alberti. Se já em 1965 se colocava a questão do desejo, em que momento ela o vincula ao pensamento albertiano. Por quais vias exatamente Choay chega a Alberti e reafirma ali esta disposição tão radicalmente moderna? O destino das pesquisas choaysianas parece aberto a muitas veredas que sustentam sua atualidade e fazem nossa a sua luta contra a redução do pensamento aquilo que ela tanto combateu, seu fechamento em modelos.





## 7. Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e destino**. São Paulo. Editora Ática. 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Cia das Letras, 1986.

CAULA, Adriana; FABIAO, Aline C.; SANTOS, D. O.; BOGOSSIAN, Luisa; MAGALHAES, M. L. C. P.; PEREIRA, M. S.; BAEZA, Pilar T.; CUNHA, Vitor. **Narrar por transversalidades III - A fabricação dos corpos**. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; CERASOLI, Josianne Francia. (Orgs.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico - Tomo III - Modo de Narrar**. 1ª ed. Salvador: EdUFBA, 2020, v. 3, p. 456-483.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação** em Estudos Avançados vol. 5, nr11. São Paulo: USP, abril de 1991.

CHOAY, Françoise. **La Règle et Le Modèle, sur la théorie de l'architecture et de l'urbanisme**. Paris: Seuil, 1996.

\_\_\_\_\_. **As questões do património. Antologia para um combate**. Lisboa: Edições 70, 2018.

\_\_\_\_\_. **A Regra e o Modelo, sobre a teoria da arquitetura e urbanismo**. Paris: éd. du Seuil, [1980], Perspectiva, São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Urbanismo: utopias e realidades**. Paris: éd. du Seuil, [1965], Perspectiva, São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. **Une capitale sort de terre: Brasilia**. France Observateur n.492. Paris, 8 outubro 1959a, p.15-16.

\_\_\_\_\_. **Une capitale préfabriquée: Brasilia**. L'Oeil n. 59. Paris: novembro 1959b, p.77-83.

DOSSE, François. **O espaço habitado segundo Michel de Certeau descontinuidade e tangibilidade da personalidade: a relação com o tempo no individualismo contemporâneo**. Uberlândia-MG, ArtCultura, nº 9, jul-dez. de 2004 p.81-92.

GAUDIN, Jean-Pierre. **Desenho e Futuro das Cidades - Uma antologia**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto: uma tragédia - Primeira Parte**. São Paulo: Ed. 34. 2004

HEIDEGGER, Martin. **Construir Habitar Pensar [1951]**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, 2017.

HUGO, Victor. **Notre Dame de Paris**. Paris: V. Hugo, Romans Coll. l'Itrégale, éd. du Seuil, [1832]. Em: CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades** Paris: éd. du Seuil, [1965], Perspectiva, São Paulo, 1992. p. 324-327.

HUMBOLDT, **Wilhelm Von. Theorie der Bildung des Menschen**. In: LAUER, Gerhard (hrsg.). Wilhelm Von Humboldt: Schriften zur Bildung. Stuttgart: Reclam, 2019. p. 5-12.

KOPP, Anatole. **"Quando o moderno não era um estilo, mas sim uma causa"** [1988]. Livraria Nobel S.A., São Paulo, 1990.



KROPOTKIN, Piotr. **La Science modern et l'anarchie**. Paris, stock, 1913, 2ª edição. (p.73, 92-93, 129-154).

LE CORBUSIER. **Precisões: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo**. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

LEPETIT, Bernard. **É possível uma hermenêutica urbana?** [1993]. Em: **Por Uma Nova História Urbana** [1996]. São Paulo, EDUSP, São Paulo, 2001. p. 140-145.

MARX, Karl. **Manuscritos de 1844**. Em: LANDSHUT; MAYER. **Der historische materialismus, die frühschriften**. Paris: Éditions sociales, [1932] 1957. p. 101-102, 108-1090. Em: CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades**. Perspectiva, São Paulo, [1965] 1992. p. 148.

NESBITT, Kate (Org.). **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995)**. Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

PAQUOT, Thierry. **Die Städtebauteoretikerin Françoise Choay. Eine Diskursbildende Propagatorin der Disziplin**. Em: FREY, Katia; PEROTTI, Eliana (Hg.). **Frauen blicken auf die Stadt. Architektinnen, Planerinnen, Reformerrinnen: Theoretikerinnen des Städtebaus II**. Berlin: Reimer, 2019. p. 275-292.

PEIXOTO, Priscilla Alves. **A escrita da história como um processo: as práticas historiográficas de Françoise Choay (1965-1973)**. Em: Oculum ensaios. v.14(1). Campinas, 2017, p.99-110.

\_\_\_\_\_. **Uma história do urbanismo em construção: As práticas historiográficas de Françoise Choay (1956-1971)**. Priscilla Alves Peixoto. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pensar por biografias**. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva; (Orgs.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico - Tomo I - Modos de Pensar**. 1ª ed. Salvador: EdUFBA, 2018, v. 1, p. 70-97.

\_\_\_\_\_. **Por uma leitura situada de Urbanismo: utopias e realidades. Uma antologia (195) de Françoise Choay**. Revista brasileira de estudos urbanos e regionais, v.23, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202117pt>. Acessado em: 06/06/2023.

PEREIRA, M. A. C. S. **A história da cidade e do urbanismo e suas ferramentas-cronológicas, antologias, vocabulários e experiências interativas**. In: XV ANPUR, 2013, Recife, Anais da XV ANPUR, 2013, v. 15. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/547/535>. Acessado em: 06/06/2023.

\_\_\_\_\_. **Rio de Janeiro: L'ephemere et la perennite – histoire de la ville au XIXeme siècle**. Paris, 1988. Tese (Doutoramento Ciências Sociais) - École des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

\_\_\_\_\_. **A ação dos jesuítas no Brasil colonial e o imaginário europeu sobre o novo mundo: notas sobre uma história às avessas**. In: PEREIRA, Margareth da Silva; CARVALHO, Anna Maria Monteiro de. (Org.). **A forma e a imagem: arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro colonial**. Rio de Janeiro: PUC- Rio, 1992, v., p.15-34.

\_\_\_\_\_. **Corpos Escritos: variações do ser carioca e a tentação do monumental**. In: Antonio Herculano Lopes. (Org.). **Entre Europa e África: a invenção do Carioca**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Top Books / Casa de Rui Barbosa, 2000, v. 1, p. 303-329.

\_\_\_\_\_. **Quadrados Brancos: Lucio Costa e Le Corbusier - Uma noção moderna de história**. In: Nobre, Ana Luiza et al. (Org.). **Lucio Costa: Um modo de ser moderno**. São Paulo: Cosac Naif, 2004, v. 1, p. 220-245.



PEREIRA, M. A. C. S.; MAGALHÃES, M. L. C. P.; PEIXOTO, P. A. **Antologia do Pensamento Urbanístico**. 2017. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Antologia de textos sobre a cidade e sobre o urbanismo).

RICOEUR, Paul. **Soi-Même Comme un Autre**. Paris: Seuil, 1990.

SANTOS, D. O.; MAGALHAES, M. L. C. P. **Le Corbusier voyageur: arquivos de uma experiência arquitetônica**. In: Anais 9º Seminário Docomomo Brasil: interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília: FAU-UNB, 2011. Disponível em: [https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/161\\_M24\\_RM-LeCorbusiervoyageur-ART\\_daniela\\_santos.pdf](https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/161_M24_RM-LeCorbusiervoyageur-ART_daniela_santos.pdf). Acessado em: 06/06/2023.

SCHILLER, Friedrich. **A Educação Estética do Homem, numa série de cartas**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SYKES, A. Krista (Org.). **O campo ampliado da arquitetura: Antologia teórica 1993-2009**. Face Norte, volume 15. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

## **Mário Luis Carneiro Pinto de Magalhães**

Atualmente é professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula (2016 -) e é pesquisador do leU - Laboratório de Estudos Urbanos, que integra desde 2006. Possui graduação(2002) em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFRJ, tendo concluído o mestrado (2005) e o doutorado em Urbanismo (2018) no PROURB/FAU/UFRJ. Foi professor substituto do Departamento de Planejamento Urbano e Regional (DPUR) (2007/1-2008/2), do Departamento de Análise e Representação da Forma (2007/2-2008/2) e do Departamento de História e Teoria (DHT) (2014-15) na FAU/UFRJ e lecionou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Gama Filho (2013/1-2). Leciona, orienta e desenvolve pesquisas na área de Artes, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nas seguintes áreas: História do Pensamento Arquitetônico e Urbanístico, História das Ciências, Arquitetura e Educação, Análise e Representação da Forma, Projeto de Arquitetura e Urbanismo, sempre buscando as transversalidades e integração entre saberes.

**Contribuição de coautoria:** Concepção; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Supervisão; Validação; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

## **Luiz Sergio Macedo Mota Brandão**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo com finalização prevista para jun/2023, aluno de Iniciação científica.

**Contribuição de coautoria:** Concepção; Análise; Coleta de dados; Validação; Redação – rascunho original; Redação – revisão e edição.

**Como citar:** MAGALHÃES M.L.P. de, BRANDÃO, L.S.M.M. Choay e o destino da cidade: clássicos para um combate. *Paranoá*. n.35, ago/dez 2023. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n35.2023.01.

**Editores responsáveis:** Ana Clara Giannecchini, Elane Peixoto, Carolina Pescatori e Priscilla Alves Peixoto.

**Assistente Editorial:** Lucídio Avelino.